

Combatentes enxovalhados e extorquidos

Durante 35 anos, nesta Republica das bananas, os sucessivos governos tudo fizeram para subverter 900 anos de História. De gloriosa e global reduziram-na a uma nesga de terra infértil que dava de tudo para todos os que nela nasciam e nela rebuscavam o pão honrado que mereciam. Fomos um Império construído com suor e lágrimas. Dos fracassos fizemos vitórias. Dos longes fizemos perto. Do nada fizemos um Povo do tamanho da Língua Portuguesa. Língua e História são dois mastros que delimitam os pontos cardeais do hemisfério. Ninguém chegou primeiro. Nenhum outro povo teve tanto para conquistar e instruir. Nenhuma outra gente foi tão persistente e ousada.

Há 35 anos esse império desmoronou-se. Urgia mudar de rumo porque os tempos eram outros. Mas esse rumo foi liderado por quem não tinha mais do que ambição. Sobrava em demagogia o que faltava em organização, em capacidade de trabalho e em coerência com o ideário preconizado.

Em 1961 fora necessário chamar ao palco dos deveres cívicos os mais válidos cidadãos. Poucos sonegaram essa responsabilidade nacional. 95% responderam à chamada, sem hesitações. Doaram o melhor que tinham: vida, emprego, família. Nada a Pátria lhes deu em troca, nem sequer aquilo a que ela obrigava o patronato a fazer para com os seus empregados: o pagamento das contribuições para a segurança social. Um milhão de jovens - dos melhores que a sociedade tinha - partiram sem destino e sem certezas no regresso. Para que os desertores pudessem formar-se, constituir família e garantir emprego, viveram os seus pares que não forjaram doenças, nem objecções de consciência, dramas que nunca a História registará.

Esses 5% que disseram não, quase sempre por influência burguesa da época, assenhorearam-se do poder, através de piruetas, de golpes de rins, de truques quixotescos. Quase todos têm hoje palácios bem guardados e reformas dantescas, conseguidas de forma rocambolesca, ultrajante, indigna.

Os Combatentes serviram de burros de carga e de carne para canhão, durante os 13 anos de guerra e depois dela. Os comandos cavalgaram no dorso dos filhos do povo e nos milicianos que apenas cumpriam um dever cívico obrigatório. Somavam comissões, promoções, medalhas, louvores e regalias que os transformavam em heróis de parada. Alguns desses comandos, vendo perigar suas carreiras e tais mordomias, congeminaram um golpe militar, com o pretexto de impedirem os milicianos de lhes taparem o sol. Para levarem a água ao seu moinho invocaram o descontentamento popular. Mas o descontentamento maior, aquele que esteve na génese da reivindicação golpista, era a sua raiva contra os seus comandados que em operações militares eram tão competentes como eles.

Essa golpada, por ser levada a cabo, sob o pretexto de acabar com a guerra, foi uma espécie de totobola para os corporativistas que de arma em punho, tudo fizeram, auto-promovendo-se, criando benefícios pessoais, deslapidando o erário público que depressa mergulhou no caos. Enquanto duraram as barras de ouro foi um forro-bó-dó. O país mergulhou no caos. E aqueles que haviam sido burros de carga e carne para canhão, correram o risco de ser abatidos na «Matança da Páscoa, no Campo Pequeno». Esse e outros heróis da golpada semearam o caos, transpuseram para o Continente a guerrilha que alimentaram no Ultramar. Às mãos dele (s) morreram muitos inocentes. E esses criminosos, nunca cumpriram as penas a que foram condenados, mais uma vez, em nome de uma revolução doentia, déspota e injusta, porque dela beneficiaram aqueles que menos mereciam. São hoje heróis de uma guerra mal contada, mitos de uma odisseia quixotesca, farsantes de cena endiabrada.

Os Combatentes que entre 1961 e 1974 foram os bodes expiatórios de quanto de mal se passava, continuaram a sê-lo, até hoje, passados 35 anos. Houve tempo para tratar da situação de todos. As classes privilegiadas, cada vez o são mais. Quem nunca trabalhou e sempre viveu de «expediente», tem hoje estatuto principesco. Para os Combatentes nunca, até 2004, houve tempo e predisposição para lhes dar ouvidos. Porque estão desarmados e sempre foram correctos. A Lei 9/2002, foi apenas implementada em 2004. Muitos alegaram que era uma esmola. E era verdade. A uns calharia um complemento Especial de Pensão de

151,76 euros anual, mais um acréscimo vitalício no valor de 177,24 (a quem tivesse efectuado o pagamento de quotizações para a Segurança Social. Totalizava 329 euros em Novembro de cada ano. Paulo Portas e Bagão Félix certificaram que «esses benefícios seriam pagos todos os anos». Desde aí até 2008 o actual governo extinguiu, o tal *Complemento Especial de Pensão*. E, em 2009, reduziu em um terço o *Acréscimo Vitalício de Pensão*. Ou seja: a maior parte dos Combatentes, muitos a viver na miséria, viram reduzida a esmola de 150 euros para 100, outros para 75, pagos em Novembro de cada ano. O governo deixou passar as eleições e, logo a seguir, deu esta *prenda* aos mártires da geração do sacrifício. E andam por aí a dizer que o país está na falência por causa da reforma dos Combatentes...

Ladrões, aldrabões e outros figurões...

Barroso da Fonte